

Basta, ^{6 con} Brasil

basta.

A crise econômica é maior do que o País; e o Governo não estava preparado para o tamanho da crise. Esta é a conclusão a que se chega depois que o FMI deu o "cartão amarelo" ao Brasil. Por incapacidade comprovada em cumprir o acordo de fevereiro, e as autoridades econômicas afinal, descobrem que o professor Bulhões estava com plena razão quando pregava medidas heróicas para derrubar a inflação que somente agora os tecnocratas consideram "insuportável". Na época, o dr. Bulhões foi considerado pessimista e os tecnocratas horrorizaram-se com as medidas técnicas que o mestre sugeriu. Hoje as autoridades concluem que o dr. Bulhões tinha razão - mas já é um tanto tarde. O FMI suspendeu o pagamento da parcela do empréstimo e pôs o Brasil na condição de "défault", isto é, insolvente. Consequência: os bancos internacionais suspenderam automaticamente o fluxo de dólares para o nosso País. E a desmoralização internacional deste grande País mal administrado na economia, como reconhece finalmente o próprio dr. Langoni, membro do Grupo dos Três, que num ímpeto oposicionista, afirmou em entrevista - e com a veemência de um deputado do PT - que tudo está errado, que a inflação deveria ter sido combatida com mais eficácia, que o déficit público terá de ser cortado violentamente, que medidas fortes devem ser tomadas. O sr. Langoni, que é PhD em Chicago e tecnicamente habilitado, acaba de descobrir a pólvora, só que no momento em que a pólvora já explodiu. Se o dr. Bulhões, Simonsen, economistas conservadores e de esquerda tivessem sido ouvidos (pois há unanimidade na área técnica contra a atual desorientação econômica), além dos empresários, os tecnocratas, donos da verdade, não teriam levado o País a essa situação de vexame internacional e a uma crise que gera tensões sociais e que se agravava na medida em que o Governo, forçado, pelo FMI e para evitar o cartão vermelho (que será o colapso do País), tomar medidas violentas para conter a inflação. Tais medidas vão gerar mais desempregos, mais aflições nas classes sociais, mais desgraças para os pobres e remediados, mais falências de empresas de todos os portes e de todos os setores. Medidas que deveriam ter sido tomadas ao longo de 1980, quando as autoridades insistiram num modelo inédito no planeta: combater a inflação com crescimento acelerado.

Hoje estamos pagando os erros iniciados em 80. E que persistiram. Chegamos finalmente a uma situação que recomenda a cessação do debate sucessório; o reconhecimento da moratória em que o País está tecnicamente, conforme já informei nesta coluna; restauração da credibilidade do Governo como ponto de partida para a solução da crise a longo prazo, e para a renegociação total da dívida externa que não temos condições de pagar, pois sequer os juros estamos honrando.

Para restabelecer a autoridade é preciso parar a conversa de uma sucessão ameaçada num Estado de pré-convulsão social, identificado pelo governador de Pernambuco. Imposta a autoridade, resta recuperar a credibilidade, pois é o próprio presidente do BC que, honestamente, admite os erros praticados pelo Grupo dos Três que comanda a economia, faz seu "mea culpa" e anuncia mais uma política econômica, desta vez de acordo com as imposições do FMI, do qual somos totalmente dependentes. É preciso mudar para salvar e a gravidade da situação do País não admite adiamentos e contemporizações, nem a prevalência de interesses setoriais, políticos ou de qualquer natureza. Impõe-se o fortalecimento do poder do presidente, a eliminação do atual quadro sucessório, a restauração da credibilidade perdida. Não é possível que este País seja levado ao colapso e ao caos social, enquanto se brinca de sucessão presidencial com vice-presidenciais na pista.

Basta. E este colunista antecipou tudo isso, desde meados de 80. Enquanto as atuais autoridades, governistas como Galvêas ou oposicionistas como Langoni, insistiram nos erros e, afinal, levavam o País a esta situação. Chega. Onde estão os tripulantes libios? A sociedade quer saber. Terão sido seqüestrados? Estão no lago dos cisnes? Há uma cortina de silêncio e cumplicidade entre o Itamarati e as esquerdas, talvez para facilitar a decolagem dos aviões com as armas para a comunista Nicarágua. Carlos Castello Branco, nosso mestre, deu demonstração de forma e prestígio com sua posse na ABL. O general Geraldo Braga, comandante da I Região Militar, eufórico com a idéia da candidatura do general Walter Pires à sucessão de Figueiredo. Acha que é a grande solução. Os convites para festa de Ibrahim Sued valorizaram-se tanto que estão sendo negociados no "open".